

A festa do voto

As satélites crescem em participação, elegem seus candidatos e fazem a festa no seminário

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

As 35 horas de trabalho consumidas pelo II Seminário de Cultura do DF (Primeira Fase) terminaram em festa. Afinal, de quinta a domingo últimos, depois de muito acordo político (atrás de cortinas e nos corredores do Centro de Convenções), de muitos debates (com Teixeira Coelho, da USP; Marcos Lontra, do MAM-Rio; Pedro Braz, secretário adjunto de Cultura de SP; Geraldo Magela, e Carlos Alberto, da Assembléia Distrital; Márcio Cotrim, da Secretaria de Cultura do DF, e a prata da casa) e de disputadíssima eleição, o jeito era comemorar.

Enquanto aguardavam o resultado da eleição (32 candidatos disputaram quatro vagas e duas suplências, no Conselho Deliberativo da Fundação do DF), os seminaristas caíram na dança, no canto e nos exercícios de relaxamento. Enquanto um violão puxava sucessos de Alceu Valença, Tavinho Moura, Raul Seixas e Paulo Diniz, a turma ironizava programas de auditório, brincando de "paquitas" e "moças aeróbicas do Faustão". Instantes depois, ciranda de 100 pessoas percorria o grande auditório Planalto do Centro de Convenções. Sucesso: pra valer, fez a *Marchinha do Pólo na Mão*, composta por grupo de seminaristas, para reivindicar, na Assembléia Distrital, aprovação da Lei dos Incentivos Fiscais/Fundo de Cultura.

Nos momentos mais tensos, o professor de Educação Artística Alcides Pereira Passos, 24 anos, improvisava oficinas de relaxamento para acalmar ânimos exaltados.

No final, duas horas da manhã de ontem, Tetê Catalão, Maria Duarte e B. de Paiva, todos do Conselho de Cultura, sorriam felizes (embora esgotados pelo cansaço) com "o balanço positivo do Seminário". Nem a acachapante derrota do Plano Piloto, maior reduto de artistas e produtores culturais da cidade (que não conseguiu eleger nenhum dos titulares do novo Conselho Deliberativo da FCDF) atrapalhou o bom humor da madrugada. Só deixou no ar muitas preocupações. Os eleitos são Narciso Quaresma, professor de Educação Artística do Gama (com 131 votos); Nivaldo Ramos, professor de Educação Artística, de Taguatinga (106); Glênio Lima, artista plástico, de Sobradinho (100) e Djaci de Oliveira, animador cultural, de Ceilândia (89), para titulares. Wilson Moraes, fotógrafo e ator do Plano Piloto (62), e Romário Schettino, jornalista e produtor cultural, do Plano Piloto (37), para suplentes.

Superprodução — A festa que os seminaristas fizeram dentro do Centro de Convenções se reduziria a um "mero ensaio" se comparada com a "superprodução" montada pela Administração Regional e movimentos culturais de Planaltina. Cinco ônibus trouxeram, da satélite para o palco do Seminário, cerca de 300 atores, músicos, palhaços e catireiros. Missão do grupo: defender — para Planaltina — o direito de sediar o *Pólo de Cinema e Vídeo do DF* (que deve ser votado, hoje, na Assembléia Distrital). Os mais irônicos (já que *Seminário de Cultura*, em substantivo documento, considerou a briga pelo direito de sediar o Pólo "um jogo de interesses pequenos e fisiológicos") partiram para outra comparação: perto da "produção Cecil B. de Mille de Planaltina (com os atores de sua *Via Crucis*, banda de música, dois grupos de catira, palhaços e sanfoneiros) as manifestações do Gama parecem singelas produções da *Boca do Lixo* paulistana.

Os moradores de Sobradinho — mais discretos — estão lutando com abaixo-assinado, recurso, convenhamos, sem nenhum charme. E, detalhe significativo: há, no Conselho Regional de Cultura sobradinhense, quem, como o artista plástico Jefferson da Paz, veja com olhos críticos a disputa pelo direito de sede: "O movimento cultural tem que discutir a essência do projeto do Pólo, e não detalhe acessório, como sua localização".

Quem é quem — O Grupo Jovem Publicidade, firma que cuidou da infraestrutura do II Seminário de Cultura do DF, tabulou as informações disponíveis sobre os participantes e revelou dados curiosos: dos 461 inscritos, 331 eram homens. As mulheres (só 130) foram minoria também entre os candidatos (somente três, contra 29 homens). Os participantes, em maioria, têm escolaridade a nível de segundo grau (204 inscritos), enquanto 169 têm formação superior. Só 71 pes-



Divino (Gama), Nivaldo (Taguatinga), Glênio (Sobradinho) e Djaci (Ceilândia), os eleitos. Suplentes: Romário e Wilson (Plano)



Plenária do II Seminário de Cultura em pleno exercício da cidadania e o show popular da comunidade de Planaltina

soas (15% do total) cursaram apenas o primeiro grau.

Entre os dados revelados por Athaide Rodrigues Lopes, diretor do Grupo Jovem, um impressiona em especial: 96% dos inscritos (327 pessoas) afirmam "necessitar de apoio oficial". Só 4% (13 pessoas) prescindem do "apoio estatal".

A tabulação revelou, também, a origem geográfica dos seminaristas. O Plano Piloto enviou o maior número de participantes (119). Seguiram-se Ceilândia (70), Gama (54), Guarã (42), Sobradinho (37), Taguatinga (28), Planaltina (17), Núcleo Bandeirante (17), Paranoá (14), Samambaia (10), Cruzeiro (8), Vila Planalto (7) e Brazlândia (3). Houve participação oriunda de Ponte Alta, Valparaíso e Setor de Chácaras.

DF (117). Depois, de MG (60), Rio e Goiás (42 cada), Maranhão (24), Bahia (22), Ceará (20), Piauí (17), São Paulo (14). Outros estados ficaram, cada um, com número inferior a 10.

Levantamento profissional dos seminaristas revelou que a maioria dedica-se à Música (59), às Artes Cênicas (51), à Produção (45), ao Magistério (34), às Artes Plásticas (33), ao Cinema/Vídeo/Fotografia (14) e à Animação Cultural (13). As demais áreas tiveram representação modesta.

Articulação/debate — O coordenador geral do Seminário, B. de Paiva, não se cansou de lamentar o "senta levanta" dos participantes. É que 37 deles se inscreveram para concorrer às quatro vagas de conselheiros (a posse só ocorrerá quando o governador Roriz decretar pari-

dade na composição do Conselho Deliberativo da FCDF). Tantos candidatos em campanha acabaram motivando frequentes esvaziamentos do auditório. É claro que havia a turma dos debates (em torno de 200 pessoas), que assistia e anotava com atenção as colocações dos palestrantes. Teixeira Coelho, da USP, foi a estrela do fim de semana, com suas polêmicas colocações sobre o tema *Casas de Cultura*. Ele historiou o espaço da arte, primeiro como patrimônio exclusivo dos aristocratas, ("que mantinham seus aqerivos nos salões e corredores dos castelos"). Mais tarde, com o advento da burguesia, quadros e esculturas saíram dos castelos para os museus, pois o novo estado de espírito previa urgente democratização do acesso à produção cultural. Os museus, porém, transformaram-se em espaços de "estúpida contemplação". Vocês sabiam, provo-

cou, "quantos minutos passamos diante de um quadro num grande museu europeu?" E respondeu: "15 segundos". Isto aconteceu — testemunhou — em São Paulo, quando da Mostra Picasso. As pessoas viam os quadros em fila, o que nos leva a questionar: como, em 15 segundos, distinguir cores, contexto e as múltiplas informações contidas num quadro?"

O professor da USP (autor de *O que é Política Cultural*) partiu, então, para a defesa das Casas de Cultura, "espaço laico, ponto de convergência, local de criação de sentimento político, da noção de cidadania". Citou as experiências vitoriosas de Cuba ("onde as Casas de Cultura funcionaram, ao longo do processo revolucionário, como espaços de criação de um sentimento político em defesa das mudanças") e na França ("onde as Casas de Culturas são

centros de desenvolvimento de excelências, focos de criação profissional de primeiro nível").

Pedro Braz, secretário-adjunto de Cultura do Estado de São Paulo, deixou em segundo plano a discussão da nomenclatura (Casas de Cultura, Centros Culturais, Oficinas Culturais) para lembrar que "o Estado é sempre coercitivo, está do lado de um ou de uns, nunca de todos. Daí surge o conflito, pois a sociedade não é harmônica". Avisou que neste momento, "como homem na máquina do Estado", procura "respeitar as pluralidades". No debate, foi instado a dar maiores informações sobre o Projeto de Oficinas Culturais, o filé-mignon da política paulista na gestão Quéricia/Fernando Moraes, com seqüência agora, no Governo Fleury/Adilson de Barros. Braz esclareceu que as Oficinas realizadas na capital e no interior são gratuitas e atendem a públicos artístico-culturais. Quando se trata de clientela específica (como crianças carentes), a secretaria de cultura se alia à Secretaria do Bem Estar do Menor, com apoio técnico.

Os participantes do Seminário ficaram indignados com o curto espaço de tempo dos dois conferencistas, obrigados a retornar a São Paulo, às 16h30 do sábado. Se tivessem permanecido no local até o início da noite, o debate teria ido longe. Afinal, o tema Casa de Cultura está na pauta do dia, já que o GDF, através da Secretaria de Cultura e Esporte, promete construir Centros Culturais em todas as satélites. Maria Duarte, que debateu o tema com Teixeira Coelho e Pedro Braz, teme "um pacote de cima para baixo, semelhante ao dos CDS (Centros de Desenvolvimento Social)". Afinal, sabe-se que arquitetos já desenharam plantas e assessores traçam conceitos sem ouvir os maiores interessados: os usuários".

Coube a Márcio Cotrim, e à arquiteta Denise Menezes, ambos da SEC, discutir o tema *Espaços Culturais* com a plenária. Alguns participantes só queriam discutir o Conjunto Cultural da 508 Sul (que deve ter parte de suas instalações inaugurada no final do ano). Outros queriam discutir todos os espaços culturais do DF. Na verdade, não se discutiu nem uma coisa, nem outra. Os artistas, em especial os das regiões mais carentes, aproveitaram o "cara a cara" com o secretário para fazer uma verdadeira peroração. Pediu-se, então, representante cultural para o Assentamento de Santa Maria; a transformação da Oficina Perdiz em Casa de Cultura; apoio à Galeria Van Gogh, de Sobradinho; um Pólo de Artes Visuais; democratização do Cine Itaopá, um próprio do GDF; etc., etc. Com relação ao Conjunto Cultural da 508 Sul, solicitou-se representação comunitária na Comissão de Conceituação (sob responsabilidade do Conselho de Cultura do DF) e na Comissão de Acompanhamento e Fiscalização. Como Cotrim não proferiu um "não" sequer, donde se deduz que a parceria se estabelecerá.

Os debates parlamentares (*Cultura e Lei Orgânica*, com Geraldo Magela, e *Regionalização Cultural*, com Carlos Alberto), correram animados, mas as perguntas mais polêmicas prenderam-se a problemas e posicionamentos dos dois deputados na Assembléia Distrital — a maioria relativa a questões internas do PT (de Magela) e do PCB (de Alberto). Mesmo assim, os dois prometeram lutar, "com empenho", pelo atendimento das reivindicações da comunidade cultural, registrando-as nos textos da Lei Orgânica.

Documentos — Nove grupos de trabalho elaboraram, nos dois últimos dias do Seminário, uma série de propostas, que foram submetidas à plenária. Passou, sem nenhuma alteração, proposta alternativa ao Projeto (elaborado pelo executivo) do Pólo de Cinema e Vídeo, em tramitação na Assembléia Distrital. A nova proposta, que soma dados ao projeto discutido pelos cineastas e parlamentares brasileiros, mobilizou em sua elaboração 39 seminaristas (entre eles Roberto Pires, Pedro Jorge, Lyonel Lucini e o maestro Jorge Antunes).

Outras propostas analisadas e aprovadas pela Plenária: lutar por rádios e TVs comunitárias; criar a Cooperativa de Artistas e Técnicos da Área de Produção Audio-Visual; defender a implantação de espaços culturais reivindicados pela comunidade (como o Parque Vivencial da Vila Paranoá, entre muitos outros); cobrar do Ecad tratamento diferenciado para produções não-comerciais e atuar pela democratização de espaços públicos privatizados.